



DIÁRIOS, NARRATIVAS E CURRÍCULO DE ARTE

JOURNALS, NARRATIVES, AND ART CURRICULUM

Charles Immianovsky¹

Instituto Federal Catarinense – IFC

Resumo: Este texto trata da relação entre currículo, arte e diários narrativos por meio de uma pesquisa que teve como objetivo problematizar o Currículo de Artes Visuais, a partir das narrativas de um grupo de nove estudantes do 1º ano do Ensino Médio e de sua professora, sobre o conhecimento e as experiências vivenciadas nas aulas de Arte. O estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, orientada pela Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) e pelo método da investigação narrativa. Os dados foram gerados por meio dos instrumentos denominados diários narrativos, durante um período de dois meses e vinte aulas de Arte. Na tessitura das narrativas, discute-se neste artigo duas temáticas que emergiram das narrativas de estudantes e professora, a saber: a relevância e os limites do diário narrativo como instrumento da investigação narrativa no contexto da pesquisa sobre o Currículo de Arte; e as intervenções realizadas no percurso da produção de dados pela professora e pelo pesquisador, evidenciando deslocamentos dos lugares ocupados por estes na investigação.

Palavras-chave: educação; currículo de Arte; PEBA; diários narrativos.

Abstract: This text addresses the relationship between curriculum, art, and narrative journals through a study aimed at problematizing the Visual Arts Curriculum, based on the narratives of a group of nine first-year high school students and their teacher, regarding the knowledge and experiences lived in Art classes. The study is characterized by a qualitative approach, guided by Arts-Based Educational Research (ABER) and the method of narrative inquiry. Data were generated through instruments known as narrative journals, over a period of two months and twenty Art classes. In the weaving of the narratives, this article discusses two themes that emerged from the narratives of the students and the teacher, namely: the relevance and the limitations of the narrative journal as a tool of narrative inquiry in the context of research on the Art Curriculum; and the interventions made during the data production process by the teacher and the researcher, highlighting shifts in the roles they occupied within the investigation.

Keywords: education; Art curriculum; PEBA; narrative journals.

¹ Doutor em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professor de Arte do Instituto Federal Catarinense (IFC). Blumenau, SC. Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5865999277635302>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4682-4959>.



1 INTRODUÇÃO

Das questões entre Arte e Educação, o currículo é um dos campos de interesse de muitos pesquisadores e professores. Dentre estes, encontram-se aqueles que compartilham da ideia de que não existe “o” currículo, mas currículos, pois insistir no singular será em vão, porque “[...] o ‘s’ mutilado voltará com força renovada. Pipocando: **ssssss**... Os currículos, em revolta reprodutiva, multiplicativa, voltarão a proliferar: sem controle” (Silva, 2002, p. 47, grifo nosso). Sob essa perspectiva, para além de complexo, o currículo é também compreendido como um campo criativo, uma vez que, ao mesmo tempo em que é aquilo que está registrado em documentos, também não o é, tendo em vista a presença (ou não) de agentes que lhe dão dinâmica no cotidiano escolar. Ou seja, são complexas as relações de poder que perpassam os processos curriculares, tanto em sua elaboração (currículo formal) quanto em sua prática nas escolas (currículo em ação ou praticado e currículo oculto). Por isso, Lopes (2006) destaca que existe uma espécie de “micropolítica do currículo”, indicando que os currículos estão sob relações múltiplas de poder.

Essa espécie de micropolítica do currículo tem direcionado, há algum tempo, o olhar de pesquisadores do campo da Arte para novas formas de lidar com a pesquisa curricular e com o Currículo de Arte. Nessa esteira, alguns pesquisadores têm ampliado o olhar sobre o currículo a partir da escuta de múltiplas vozes. Dentre essas investigações, destacam-se as pesquisas de Viana (2012), Vieira (2010) e Menezes (2009), as quais recorreram e/ou incluíram as falas dos estudantes sobre o conhecimento em arte e sobre as aulas de Arte como objeto de pesquisa.

Diante do debate suscitado por essas pesquisas, e sob a perspectiva pós-crítica de Educação e Currículo, desenvolveu-se uma pesquisa que teve como objetivo problematizar o Currículo de Arte[s] [Visuais] por meio das narrativas de um grupo de estudantes e de sua professora sobre o conhecimento e as experiências vivenciadas nas aulas de Arte. No âmbito dessa pesquisa, neste artigo, focalizam-se as relações entre currículo, arte e diários narrativos, considerando os fundamentos teórico-metodológicos adotados, os procedimentos e instrumentos metodológicos utilizados, e a análise dos dados no que tange a: relevância e limites da utilização dos



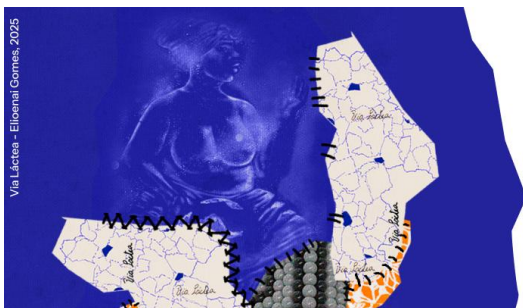
diários narrativos e as implicações destes no contexto da investigação narrativa e do Currículo de Arte; intervenções realizadas no percurso da produção de dados pela professora e pelo pesquisador, evidenciando deslocamentos dos lugares ocupados por estes na investigação.

2 ENTRE DIÁRIOS E NARRATIVAS: INVESTIGANDO O CURRÍCULO DE ARTE

Para problematizar o Currículo de Artes Visuais por meio das narrativas de um grupo de estudantes e de sua professora sobre o conhecimento e as experiências vivenciadas nas aulas de Arte, os procedimentos de geração e análise de dados foram orientados pela Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) e pelo método da investigação narrativa.

A PEBA é uma metodologia que visa à utilização dos processos e/ou produtos artísticos como meios para se produzir, interpretar, analisar ou relatar dados. Ou seja, conforme afirmaram Dias (2023) e Oliveira (2013), nessa metodologia a arte é pensada e utilizada não apenas como objeto de estudo, mas como um modo de pesquisar. Essa metodologia se configura em uma instância epistemológica-metodológica, de caráter qualitativo, que questiona formas hegemônicas de pesquisa centradas em procedimentos que visam à aplicação de mecanismos de controle e confiabilidade, para garantir resultados reproduzíveis, verificáveis e generalizáveis. Pesquisadores que trabalham nessa perspectiva apropriam-se dos procedimentos artísticos a fim de dar conta de experiências e de contribuições dos sujeitos da pesquisa, nas quais, por meio de outros métodos de investigação, não seria possível visualizar – nem os diferentes sujeitos relacionados à pesquisa (pesquisador, leitor, colaborador), nem as interpretações de suas falas (Hernández, 2023).

Considerando que, ao trabalhar com a PEBA, pesquisadores estão mais preocupados com problematizações do que com respostas fechadas – visto que os questionamentos nesse tipo de pesquisa pretendem estimular a imaginação, a invenção, preenchendo espaços vazios pelas tramas vivenciadas entre pesquisador, colaboradores e leitores – entende-se adequada à pesquisa do currículo.



Especialmente porque se entende que “velhos” padrões de desenvolvimento e de estudo do currículo já não parecem suficientes para responder às questões educacionais das sociedades contemporâneas. Não porque são “velhos” ou “antigos”, mas porque, carregados de padrões, de prescrições, de dizer aos outros como devem ser, fazer e agir, já não se sustentam em um mundo diverso e plural. Mais que escrever novas prescrições para as escolas, é preciso questionar a verdadeira validade das prescrições e, conforme afirmou Paraíso (2004), é nesse contexto que as pesquisas pós-críticas em Educação e em Currículo, no Brasil, têm agido.

Quanto ao método narrativo, Reis (2008, p. 6) afirma que “[...] a investigação narrativa recorre às explicações narrativas com o objetivo de compreender as causas, as intenções e os objetivos que estão por detrás das ações humanas”. Por isso, a investigação narrativa valoriza a exposição dos pensamentos dos indivíduos acerca de sua visão de mundo, repletos de subjetividades (Rabelo, 2011). Trata-se de uma forma de experiência com o conhecimento, que “[...] leva a conclusões não sobre certezas num mundo primitivo, mas sobre as diversas perspectivas que podem ser construídas para tornar a experiência compreensível” (Bruner, 1998, p. 12). A forma narrativa, então, “está mais centrada no ser humano, nas suas intenções, experiências, desejos e necessidades” (Hernández, 2023, p. 44-45).

Os participantes da pesquisa foram nove estudantes, de um total de 27, de uma turma da 1ª série do Ensino Médio de uma escola da rede estadual pública de ensino de Santa Catarina, localizada na cidade de Brusque, e a professora que leciona a disciplina de Arte para essa turma. A escolha dos/das participantes teve início pela professora, considerando dois critérios: ser habilitada em Artes Plásticas ou Artes Visuais e lecionar para turmas do Ensino Médio. O primeiro critério esteve condicionado ao objeto e à questão de pesquisa, que se configuram no campo do Currículo e das Artes Visuais; e o segundo, relacionado à escolha da faixa etária dos estudantes, esteve orientado pelos achados de Menezes (2008)², que, em sua pesquisa, identificou que os estudantes mais “velhos” apresentam argumentos menos pragmáticos e menos vinculados à “estrutura do real”.

² Em sua tese, a pesquisadora analisa as respostas a um questionário sobre as aulas de Arte, aplicado a 210 estudantes da 5ª e 8ª séries, matriculados em duas escolas públicas e duas privadas do Rio de Janeiro.



Os instrumentos denominados diários narrativos³ – diário do/a estudante e diário da professora – foram utilizados para registro das narrativas dos participantes. Como instrumento de geração de dados em pesquisa educacional, os diários têm sido entendidos sob diferentes perspectivas: diário de campo (Hess, 2006); diário de aula (Zabalza, 1994). Embora grande parte das pesquisas utilize o diário na investigação da prática docente, Zabalza (1994) já sinalizava, em sua linha de investigação, a utilização do diário como instrumento para trabalhar com práticas de estudantes.

Na pesquisa, o trabalho com os diários narrativos iniciou-se com o desenvolvimento de uma oficina com a turma de 27 estudantes e a professora, em que se utilizou um vídeo com recortes/fragmentos do filme *Frida* (2002)⁴ e impressões coloridas do *Diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo* (Kahlo, 1996). Organizados em duplas ou grupos de três ou quatro estudantes, as imagens foram distribuídas para que estes/estas observassem e discutissem o conteúdo das imagens, buscando estabelecer conexões com fragmentos do filme. Após o exercício de leitura, perguntas foram feitas à turma com o objetivo de chamar a atenção para as possibilidades de utilização e sentidos dos diários em diferentes contextos.

Em data posterior, os diários foram distribuídos aos/às estudantes que aceitaram participar da pesquisa e à professora. Em cada um dos diários foi inserido um texto informativo na contracapa explicando sobre o objetivo da pesquisa, o instrumento utilizado, o que e como os colaboradores deveriam relatar e durante qual período. Os diários permaneceram com os participantes por aproximadamente dois meses e meio (vinte aulas de Arte), nos quais os/as estudantes registraram as experiências e os conhecimentos vivenciados nas aulas de Arte, a relevância que essas vivências e experiências possuem para sua vida e se sugerem outros conhecimentos e experiências para as aulas de Arte. À professora, condicionou-se o registro dos conhecimentos e experiências desenvolvidos com os/as estudantes em cada aula, bem como os motivos da escolha dessas experiências e desses conhecimentos. Durante esse período, os diários foram recolhidos ao final do primeiro

³ O diário consiste em um caderno com capa e folhas internas em branco.

⁴ FRIDA. Direção: Julie Taymor. Produção de Lindsay Flickinger, Sarah Green, Nancy Hardin, Salma Hayek, Jay Polstein, Roberto Sneider, Lizz Speed. Estados Unidos: Miramax Films, 2002. 1 DVD. (123 min).



mês para uma leitura parcial e verificação do andamento da geração dos dados. Nesse momento, foram registrados em cada um dos diários bilhetes aos/às estudantes e à professora, com o objetivo de instigar e alimentar o exercício de narrar.

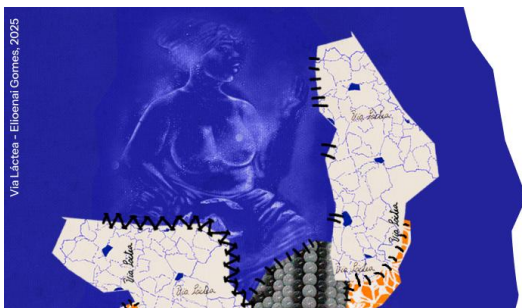
Na próxima seção, parte dos dados gerados por meio dos diários narrativos são analisados, a partir dos quais são problematizados a relevância e os limites do diário narrativo no contexto da pesquisa sobre o Currículo de Arte e as intervenções realizadas no percurso da geração de dados, considerando ênfases, recorrências, aproximações, relações e particularidades das narrativas produzidas pelos/pelas estudantes e pela professora.

3 NARRATIVAS NO CURRÍCULO E ENSINO DE ARTE

Quanto à participação na pesquisa, os relatos indicam que os/as estudantes tiveram alguma dificuldade inicial em decidir pela adesão. Algumas estudantes relatam que a falta de tempo para a escrita foi uma questão-problema que tiveram de enfrentar. Por exemplo, Carolina⁵ afirma que não estava disposta a participar da pesquisa, sendo a falta de tempo para escrever a justificativa utilizada; e Giovana, embora tenha confessado ter se empolgado com a ideia de participar da pesquisa logo de início, enfatiza que, em meio às atividades cotidianas, demorou a começar a escrever no diário. Talvez o tempo (ou a falta dele) tenha sido um fator considerável no número total de estudantes que aceitaram participar da pesquisa, considerando que, de uma turma de 27 estudantes, apenas nove aceitaram participar. Sobre essa questão, a professora contribui em seu diário ao relatar que: “Eram somente cinco. Isso é um número muito reduzido. Justificaram que haviam desistido de escrever pelo fato de que estavam envolvidos com o show de talentos, um evento da escola” (excerto do diário da professora).

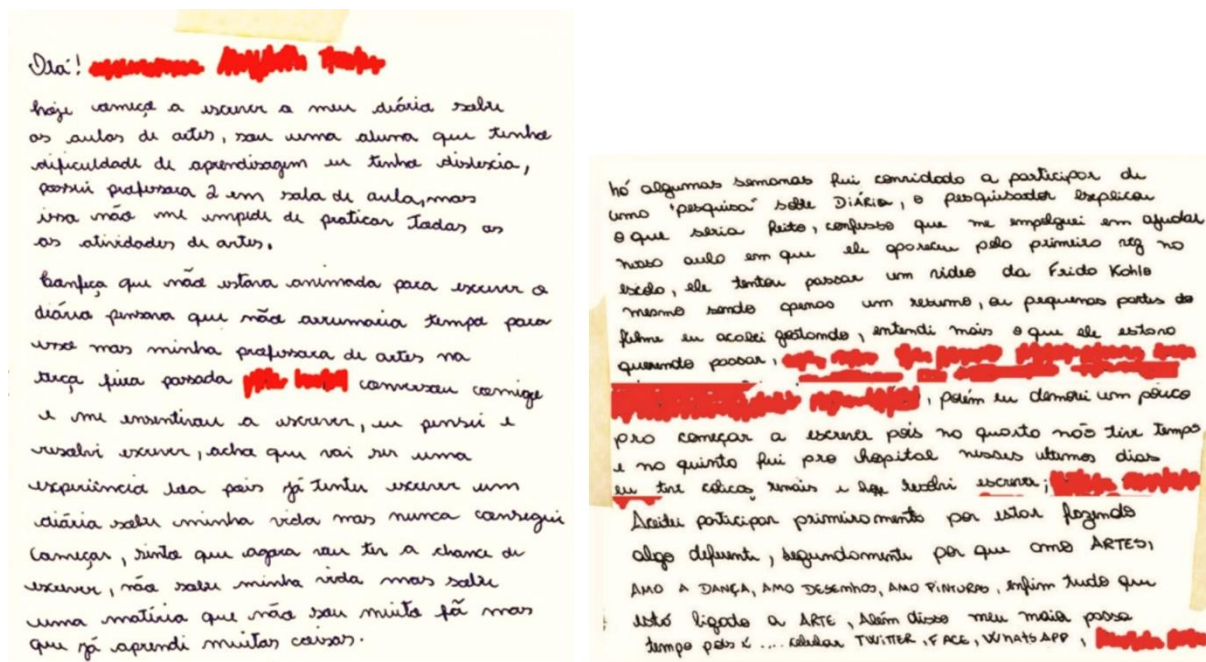
As imagens abaixo (Figura 1) registram páginas dos diários dessas estudantes, evidenciando que o tempo para escrita pode ser um obstáculo inicial à participação

⁵ Para preservar a identidade dos/das participantes, estes/estas são identificados, no texto, por meio de codinomes.



de mais estudantes, ao mesmo tempo que revela que as intervenções realizadas pela professora foram ações importantes para trazê-las para a pesquisa.

Figura 1 – Páginas dos diários de Carolina (esquerda) e Giovana (direita)



Fonte: Dados da pesquisa (Immianovsky, 2025)

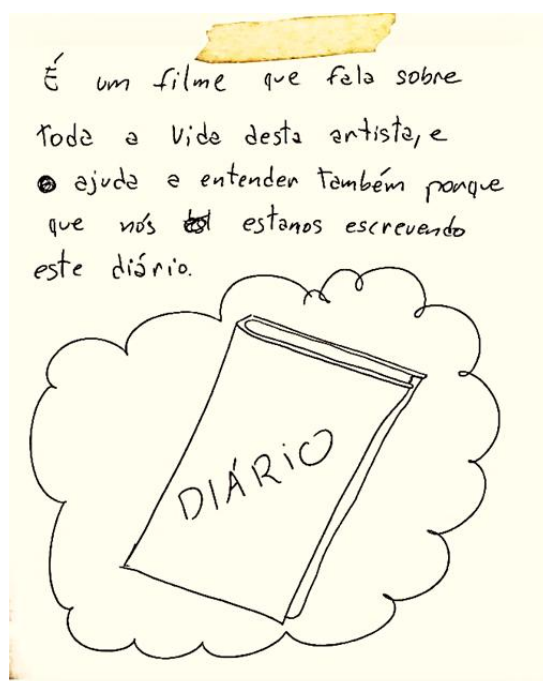
Esses relatos indicam como o lugar da professora foi se deslocando no estudo, pois, inicialmente, sua participação, por meio dos registros, tinha por objetivo situar os relatos dos/das estudantes durante o período de escrita nos diários; entretanto, com o desenvolvimento da pesquisa, as intervenções realizadas por ela revelam influência sobre uma maior participação e engajamento dos estudantes na escrita. Assim, a ação da professora não se refletiu apenas no conteúdo que os/as estudantes registraram sobre as aulas, mas na própria participação/continuidade ou não dos/das estudantes na pesquisa.

Outras intervenções ainda são reveladas pelas narrativas. Por exemplo, durante o percurso de produção dos dados da pesquisa, os bilhetes endereçados aos/às estudantes, com o objetivo de instigá-los/as e alimentar a escrita, assim como páginas do diário de Frida Kahlo utilizadas na oficina para exemplificar possibilidades de registros, também influenciaram no percurso da geração de dados. Sobre a oficina,



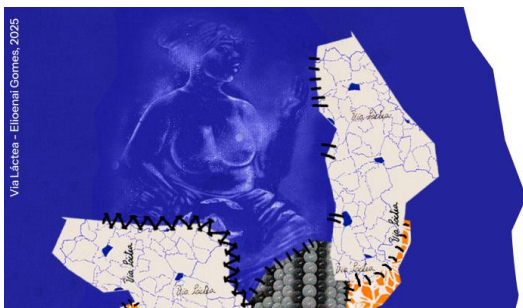
conforme se identifica no excerto de Giovana, registrado acima (Figura 1), a estudante afirma que, a partir dela, compreendeu melhor a utilização do diário na pesquisa; e o estudante Marcos enfatizou que o filme sobre Frida o ajudou a entender o porquê da escrita nos diários, conforme se depreende da página de seu diário registrada na imagem abaixo (Figura 2).

Figura 2 – Página do diário de Marcos



Fonte: Dados da pesquisa (Immianovsky, 2025)

Quanto aos modos de registro nos diários, observa-se a utilização de diferentes formas: a maioria com escrita, alguns com ilustrações, outros mais descritivos, outros mais narrativos. Sobre as escolhas dessas formas de narrar, alguns comentam, numa espécie de justificativa sobre como utilizaram o diário. Raquel explica: “Sei que meus colegas resolveram escrever detalhadamente os acontecimentos da aula, mas não pude fazer o mesmo, não sinto como se fosse a minha meta. Talvez os relatos de meus colegas sejam mais úteis que os meus, porém o diário foi muito importante para mim” (excerto do diário de Raquel). Já Patrícia escreve: “Tentei seguir a ideia principal e escrever um diário, porém sempre que ia escrever me faltavam informações e eu



não conseguia escrever nada. Então, resolvi fazer em forma de livro para ficar mais organizado, fácil para eu fazer e ter mais informação” (excerto do diário de Patrícia).

Sobre a ação de escrever no diário e a importância pessoal de participar da pesquisa, Raquel escreve: “Me fez parar e pensar em minha vida, nos meus dias e momentos na escola, e na forma que eu me sinto em relação a isso” (excerto do diário de Raquel); e complementa: “Gostaria de agradecer a oportunidade de participar dessa pesquisa, de fazer parte de algo maior” (excerto do diário de Raquel).

Esses registros evidenciam que as estudantes não se limitam à descrição de um fato ou acontecimento, mas à reinterpretação da realidade vivida por elas. Isso porque, conforme afirma Rabelo (2011), ao se narrar sobre um fato, um acontecimento, uma experiência, não se limita a descrever o ocorrido, mas a reinterpretá-lo a partir daquilo que se pensa, da visão de mundo, repleta de subjetividade.

Nesse sentido, se as narrativas dos/das estudantes falam de preocupações, dificuldades e limites em participar de uma pesquisa com diários, elas também evidenciam desejos, possibilidades, transformação. O relato de Ana também aponta para essas questões: “Devo deixar aqui registrado o quanto foi bom escrever neste diário. Escrever estes relatos foi maravilhoso e me inspirou a escrever o meu próprio diário. Espero também contribuir para a pesquisa com meus relatos e que os mesmos sejam uma fonte de conhecimento para o pesquisador” (excerto do diário de Ana).

As falas das estudantes fazem pensar sobre essa experiência de pesquisar por meio do diário narrativo sobre o currículo e as aulas de Arte, e como cada um dos diferentes sujeitos envolvidos na pesquisa (colaboradores–pesquisador–leitores) habita a investigação narrativa. Nesse sentido, entende-se que, ao optar pelo diário como instrumento de geração de dados, permitindo emergir sentidos e significados em diferentes contextos, tempos, situações, possibilita-se o registro de experiências de forma objetiva e subjetiva, perpassando tanto a descrição de fatos ocorridos quanto os pensamentos e sentimentos dos colaboradores. Reafirma-se, conforme expôs Bolívar (2002), que os diários possibilitam que os sujeitos possam também falar de si, expressando sua subjetividade.



Os relatos diários também evidenciam a aproximação entre narrativa e pesquisa e as implicações dessa aproximação na construção do conhecimento. Essa aproximação parte do entendimento de que há dois modos de funcionamento cognitivo, ou maneiras de relacionar-se com o conhecimento: os argumentos e as histórias. O primeiro baseia-se em um modo lógico-científico; e o segundo, em um modo narrativo/imaginativo. Conforme afirmou Bruner (1998), uma boa história pode convencer o outro, assim como um argumento bem formado, mas cada um é construído sobre uma estrutura radicalmente diversa. Ou seja, há em cada um desses modos princípios operativos próprios e critérios de boa formação. Cada um deles fornece um modo distinto de ordenar a experiência e construir a realidade, sendo complementares, mas irreduzíveis um ao outro. Na prática, ao explorar a investigação narrativa, colocam-se essas questões teóricas em uso, experimentando um modo narrativo/imaginativo de pensamento.

Assim, a narrativa é uma forma possível de organizar o pensamento e de dar sentido à experiência vivida. Ou seja, não é a verdade única e absoluta sobre uma situação, fato ou experiência, mas um dos modos de compreender a realidade. É nesse sentido que se argumenta que, ao narrarem nos diários as experiências e os conhecimentos vivenciados nas aulas de Arte, os/as estudantes documentam sentidos construídos entre o individual e o social, mostrando que a narrativa é da ordem da diversidade, da multiplicidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O instrumento diário narrativo se mostrou viável no contexto da investigação narrativa desenvolvida, contribuindo para fazer funcionar a mecânica de uma pesquisa “pós”. E essa forma de fazer pesquisa também ajuda a pensar um pós-curriculo, pois “[...] escuta o que os diferentes têm a dizer e incorpora, em seu corpus, as diferenças. Sente e trata essas vozes, histórias, corpos, como desafios ao intercâmbio e à interpelação radical das crenças, valores, símbolos e identidades hegemônicas” (Corazza, 2002, p. 106).



Contudo, reconhece-se que optar pelo instrumento diário do/da estudante, na prática, revelou não apenas a necessidade inicial de um trabalho de sensibilização para a escrita, mas também de intervenções durante o período de produção de dados para que a escrita fosse alimentada. Intervenções estas nem sempre da parte do pesquisador, mas também da própria professora, colaboradora da pesquisa. Diante dessa necessidade, nesse percurso, ainda se questiona quanto à utilização de outras formas e meios de registro além dos diários narrativos, uma vez que os avanços tecnológicos da informação têm oportunizado uma escrita virtual, instantânea, dinâmica, compartilhada, “curtida”. Assim, uma pergunta permanece: poderiam esses meios ser mais proveitosos para uma investigação narrativa do que os diários narrativos?

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Laura Monte Serrat; ALVEZ, Larissa Maria Volcov; DAVID, Mônica Cristiane. Educação infantil: fundamentos e elaboração de instrumentos de pesquisa. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 11. n. 32, jan./abr. 2011.

BOLÍVAR, Antonio B. “De nobis ipsis silemus?”: epistemologia de la investigación biográfico-narrativa em educación. **Revista Eletrônica de Investigación Educativa**, México, v. 4, n. 1. 2002.

BRUNER, Jerome S. **Realidade mental, mundos possíveis**. Tradução de Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CORAZZA, Sandra. Diferença pura de um pós-curriculo. *In*: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. (Orgs.). **Curriculo**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002. p. 103-114.

DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. *In*: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte**: a/r/tografia. Santa Maria: UFSM, 2023. p. 21-28.

HERNÁNDEZ, Fernando. Tradução de Tatiana Fernandez. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. *In*: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte**: a/r/tografia. Santa Maria: UFSM, 2023. p. 41-70.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. *In*: SOUZA, E. C. de; ABRANHÃO, M. H. M. B. **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto



Alegre: EdPUCRS, 2006.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo**: um autorretrato íntimo. Tradução de Mário Pontes. Comentários de Sarah M. Lowe. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1996.

LOPES, Alice Casimiro. Quem defende os PCN para o Ensino Médio?. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. (Orgs.). **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 126-158.

MENEZES, Andréa Penteado de. **O argumento do auditório**: o que dizem os alunos sobre o ensino de arte em suas escolas?. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Contribuições da perspectiva metodológica 'Investigação baseada nas artes' e da a/r/tografia para as pesquisas em educação. REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia (Goiás). **Anais eletrônicos...** Goiânia, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt24_trabalhos_pdfs/gt24_2792_texto.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2014.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisa pós-críticas em Educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

RABELO, Amanda de Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32. n. 114, p. 171-188, jan./mar. 2011.

REIS, Pedro Rocha. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 15. n. 16, p. 17-34, jan./dez. 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Dr. Nietzsche, curricularista – com uma pequena ajuda do Professor Deleuze. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; MACEDO, Elizabeth Fernandes. (Orgs.). **Currículo, práticas pedagógicas e identidades**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2002. p. 35-52.

VIANA, Maurício Remígio. **Desapropriando o currículo**: imagem, prática educativa e experiência vivida no movimento Anarcopunk. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

VIEIRA, Sandra Corrêa. **O escrever e o Fotografar de quem Aprende**: Currículo, Experiência, Artes visuais. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Tradução de José Augusto Pacheco e José Machado. Portugal: Porto editora, 1994.